SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO
ANO XXXIX
Número 465
31 de Julho 1984

Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

Avulso: 25$00

ONDE ESTÁ O TEU CORAÇÃO?

por Joel Ribeiro

Em certa passagem do célebre Sermão da Montanha, Jesus Cristo lançou clara advertência contra os que se deixam enlevar pelos bens materiais: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam". É, sem dúvida, uma infrutuosa objurgatória, como infrutuosos foram muitos outros ensinos de Jesus. Através dos séculos, e não menos nos dias que correm, os homens fizeram-lhes ouvidos de mercador. Não conseguem, sequer, disfarçar a predilecção por Mamon.

"Onde estiver o vosso tesouro", continuou o Mestre, "aí estará também o vosso coração", verdade axiomática que ninguém ousará contestar. Mas acontece que, quando é baixa a mira dos nossos interesses, também não pode ser elevado o nível dos nossos objectivos e convicções. Mas a realidade é que o vil metal possui o condão de adulterar vontades e fazer vergar a cerviz.

A falta de meios materiais corresponde, é certo, a uma das situações mais aflitivas a que o homem ou as instituições podem estar sujeitos. Sem recursos, torna-se problemático o êxito da maior parte dos empreendimentos. Na vida em sociedade, a magreza de proventos é forte empecilho para a elevação na escala social, inconveniente que pode dar lugar a verdadeiros traumatismos. Vale como um estigma. Com certeza que nos lembramos do desabafo de certa personalidade, ao queixar-se de que o seu ordenado de ministro nem lhe chegava para os charutos, enquanto uma outra se lamentava de que a remuneração de deputado não era suficiente para os seus almoços. Com estas confidências, essas duas pessoas mostravam não querer deixar transparecer a menor dúvida acerca da sua categoria, visto que esses meios pecuniários, que para muita gente teriam de chegar para governar toda uma família, seriam para eles impeditivos da sua sobrevivência.

À falta de dinheiro, nestes tempos de crise, tem sido imputada a inoperância do executivo na materialização de vários objectivos da actividade governativa. É a grande desculpa com que esgrime quando os clamores das populações lhe chegam aos ouvidos ou quando as atitudes reivindicativas se tornam mais incómodas.



Ainda há poucas semanas, a televisão veiculou o desabafo do maestro Silva Pereira, o qual alertava os Portugueses para uma situação que, a concretizar-se, será deveras deprimente para o nosso país, o qual corre o risco de, a breve prazo, tornar-se a única nação da Europa que não possua uma orquestra sinfónica, singularidade bem pouco abonatória para todos nós, é bem de ver. E ajuntava os motivos: as deserções dos músicos, quer devidas a demissões, quer por motivo da lei implacável da morte; e a falta de local com condições para realizarem os ensaios. Tudo isto por causa do orçamento que contempla essa actividade, o qual é cada vez mais escasso. Resulta disto que, nos dias de hoje, a Orquestra Sinfónica da ex-Emissora Nacional, que atingiu elevado nível de qualidade nos tempos da chamada longa noite fascista, já não pode interpretar obras de alguns dos grandes compositores mundiais por os músicos serem em número insuficiente. Em suma: corremos o risco de ficarmos culturalmente mergulhados numa escuridão ainda mais densa que durante a que reinou naquela abominável noite que acabo de referir.

Seria curioso analisar quais as categorias de actividades que se debatem com a falta de meios para o seu funcionamento e cotejá-las com as outras que não revelam insuficiências. Estou a lembrar-me, por exemplo, das famigeradas e constantes viagens dos ministros e outros homens do governo. É claro que já foi explicado que não se trata de viagens de turismo, mas, sim, de trabalho, em que os interesses do país são religiosamente acautelados. É irrecusável que a situação do povo português melhora a olhos vistos à medida que se vão consumando essas digressões. Só ainda não foi possível explicar as razões porque nessas jornadas estão, por vezes, implicadas comitivas tão numerosas que fazem lembrar as célebres embaixadas ao papa, nos tempos faustosos da nossa expansão ultramarina ou as munificências do nosso rei Magnânimo. A explicação com certeza que virá. Mas o exemplo dos ministros-andarilhos está frutificando, visto que numerosas levas de individualidades estão já a visitar as colónias de emigrantes espalhados pelo mundo, levando-lhes o conforto da

continua na pág. 11

ADMINISTRACÃO

Durante o último mês, os seguintes assinantes remeteram-nos o valor das suas assinaturas, o que muito agradecemos.

ASSINANTES PATROCINADORES

Victor Manuel C. Ferreira (1984)	1.000$00
João Manuel Silva Pinto (1984)	300$00
Manuel C. A. Gonçalves (1984)	300$00
Grupo nº 21 – AEP (1984)	300$00
Luís Orlando Figueiredo (1984)	400$00
Julião Pestana (1984)	300$00

OUTROS ASSINANTES

Adão Pinto (1984)	250$00
Grupo nº 26 – AEP (1984)	250$00
José Manuel O. Salgado (1984)	250$00
Edite Ferreira Monteiro (1984)	250$00
Grupo nº 116 – AEP (1984)	250$00
Alexandre P. Lira Leite (1983)	250$00
Daniel Victor Ribeiro (1983)	250$00
Francisco Prates (1983)	250$00
Gil Afonso G. Teixeira (1983)	250$00
Maria Helena Rodrigues (1983)	250$00
Miguel Sérgio (1983)	250$00
João Andrade (1984)	250$00
Lourenço Mendonça (1984)	250$00
Herlander Costa (1980/84)	350$00



SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 603734 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00

"SEMPRE PRONTO" VISITA OS ESCOTEIROS NORTE DE PORTUGAL

O Director de "Sempre Pronto" resolveu fazer um autêntico "raid" pelo Norte do País. Saiu de Lisboa no dia 10 de Junho de manhã e fez a sua primeira paragem em S. Pedro do Sul. Encontrou ali, encorporado numa procissão, um numeroso grupo de rapazes e raparigas, fardados como se fossem escoteiros, embora com o lenço colocado de maneira diferente. Inquiridos por nós, disseram-nos ser "montanheiros". A infeliz tendência para estabelecer confusão. Se não querem ser escutas ou escoteiros, porque não adoptam uniforme diferente?

Parámos, depois, em Castro Daire, onde almoçámos. Está ali registado o Grupo nº 55, que teve a sua sede num velho autocarro. O escoteiro-chefe estava ausente, mas fomos informados de que o Grupo estava inactivo. Companheiros de Castro Daire: É preciso reactivar essa unidade. A vila merece possuir um grupo de Escoteiros de Portugal.

Em Lamego não fomos mais felizes. O escoteiro-chefe Humberto Costa não estava prevenido da nossa visita e não se encontrava na cidade. Estivemos à porta do Castelo, onde o Grupo nº 49 tem a sua sede, mas encontrava-se encerrada.

Resolvemos partir para Armamar. Mas cometemos um aborrecido lapso. Esquecémo-nos do Grupo nº 54, de Cambres, nos arredores de Lamego. Foi uma falta que muito nos desgostou porque o Grupo nº 54 nos tinha escrito a manifestar o seu interesse pela nossa visita. Que os Companheiros de Cambres nos desculpem.

As visitas a Armamar e Régua estão devidamente registadas abaixo. Passámos por Caldas de Vizela, onde está registado o Grupo nº 32, de que não conseguimos pista. Não podemos deixar de fazer apelo à boa vontade e espírito de serviço dos rapazes de Vizela, pois a sua vila bem merece possuir um grupo de Escoteiros de Portugal a bem dos seus jovens.

A continuação da visita está devidamente registada. Fomos ainda a Gondizalves e a Real, nos arredores de Braga. Mas os rapazes dos grupos 75 e 53 estudam ou trabalham, pelo que não se encontram nas sedes aos sábados. Ainda estivemos em Braga, cidade que nos surpreendeu pelo intenso movimento. Não conseguimos aparcar o carro, pelo que regressámos a Barcelos sem fazer qualquer encontro. No domingo, telefonámos ao sr. dr. Brás Mateus, mas o subchefe regional informou-nos que não seria fácil encontrar os escoteiros dos grupos locais porque tinham saído para actividades.

Entretanto, o tempo complicava-se prometendo chuva e trovoadas. Resolvemos terminar aqui a viagem, deixando de visitar os Grupos nºs 86, de Chaves, e 68, de Vilarelho da Raia. Empreendemos o regresso numa viagem directa para Lisboa. Fizemos bem, porque a tormenta desabou depois e com violência.

NA PÓVOA DO VARZIM

O GRUPO Nº 26 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O "26" foi fundado em 23 de Março de 1973 e tem sido uma unidade dos Escoteiros de Portugal com bastante actividade, especialmente a nível de relações de serviço com a comunidade local, com as suas festas e acontecimentos. Da sua acção já nasceram outros dois grupos: o nº 42, de Argivai, e o nº 65, de Touguinhó, no vizinho concelho de Vila do Conde.

O Grupo nº 26 encontra-se numa fase de transformação e luta com dificuldades, a maior das quais é a falta de uma sede. Reúne no Bairro de Nova Sintra, no salão paroquial, gentilmente facultado para esse fim.

O antigo escoteiro-chefe, Manuel da Silva Leite, pediu recentemente a demissão e tinha mesmo atingido o nível etário regulamentado para o exercício do cargo. A sua experiência será útil na Direcção do Grupo, onde vai ocupar o cargo de vogal.

Estivemos na Póvoa nos dias 14 e 15 de Junho. Dias de estudos e de trabalho. Não pudemos encontrar-nos com os escoteiros. Mas tivemos uma reunião com os directores do Grupo, que nos falaram com muito entusiasmo da unidade. Além do antigo chefe, estiveram presentes os srs. Leonel do Bem, vice-presidente da direcção; Isac do Bem, secretário, e José Mourinho da Costa, vogal.

A Direcção está a proceder à escolha do novo chefe do grupo, que vai ser proposto à Direcção Nacional. Tem também em vista constituir uma secção marítima. Vai ser proposto para chefe desta secção, José Maria Rodrigues Lomba, que tem cédula marítima e possui um barco que será dispensado à secção.

O subchefe do grupo, Manuel Agonia, é também um técnico marítimo, pelo que a secção está bem servida de dirigentes. Está marcada para 29 de Junho a inauguração de um barco de borracha, que admite uma tripulação.

Disseram-nos os referidos directores que o Grupo 26 tem prestado serviço nas festas da Póvoa. Há tempo, numa procissão houve uma explosão de foguetes, que rebentaram junto às pernas do público. Foram os escoteiros do 26, que procuraram manter a calma e socorreram os feridos, que ajudaram a conduzir ao hospital.

A SEDE DO GRUPO

O grande problema que a Direcção deseja ver resolvido é conseguir a sede para o "26". Estão sendo feitas diligências para obter um terreno para construir uma casa. O vice-presidente, sr. Leonel do Bem, que está particularmente empenhado na solução do assunto, garantiu-nos que fará ao Grupo uma valiosa oferta em dinheiro para arrancar com as obras.

* * *

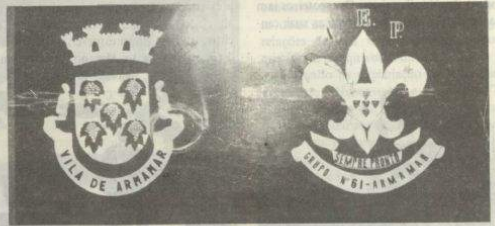
Pelo que nos foi dado observar, o "26" tem uma direcção dedicada e com "força". É preciso agora reorganizar a unidade e arrancar para uma actividade escoteira movimentando os rapazes, levando-os para a prática de jogos e exercícios ao ar livre, fazendo Escotismo, mesmo sem sede.

EM ARMAMAR

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL EM ACTIVIDADE

Armamar é uma vila, sede de concelho, que dista 53 km de Viseu e 16,5 km da Régua. Fica no alto de uma colina e as estradas de acesso são difíceis. Desfruta-se dali uma bela paisagem para os campos em derredor, onde abundam as vinhas.

Pois é nesta agradável vila que tem a sua sede o Grupo nº 61 dos Escoteiros de Portugal, fundado em 16 de Dezembro de 1979. O Grupo não tinha sede e atravessou um período de quatro anos em fase de organização, até que, em 17 de Dezembro de 1983, se organizou, tendo feito promessa os 45 membros do seu efectivo: 10 lobitos, 15 escoteiros, 17 caminheiros e 3 dirigentes, rapazes e raparigas.



A sede do Grupo nº 61 está decorada com o brazão do concelho e a insígnia associativa.

Chegámos à vila na tarde do dia 10 de Junho. Não éramos esperados e o endereço da sede era a Câmara Municipal, que estava encerrada, porque era domingo. Uns garotos, que brincavam perto, interrogados acerca do Grupo logo se entusiasmaram e nos conduziram à presença do escoteiro-chefe, Manuel Rodrigues Ferreira, que estava ali perto na praça principal da vila, e nos levou à sede instalada num anexo do salão paroquial, paredes meias com o agrupamento do C.N.E., unidades vizinhas e amigas, como é natural entre irmãos-escoteiros e escutas.

O "61" publicou durante 18 meses um jornalzinho quinzenal, "Novo Rumo". Em 1969, começou a construção de um presépio que, assim nos assegura o Chefe, é o mais notável do Norte do País e só em Alenquer há outro semelhante. As figuras são recortadas em madeira e pintadas, a um terço do tamanho natural. Anualmente, o presépio é melhorado, pelo que a sua exibição é sempre um acontecimento notável.

A Direcção do "61" é constituída pelo Sr. Domingos João Pereira da Fonseca, e pelas Sras. D. Maria José Matos Mendonça Cardoso, D. Maria Manuela Seixas e D. Maria da Conceição Carvalho Pereira da Fonseca.

Em 23 e 24 de Junho passado, realizaram-se em Armamar as festas municipais, dedicadas a S. João, cujo dia 24 é feriado, como acontece noutras localidades do Norte. Os Escoteiros foram encarregados pela Câmara Municipal de organizar o respectivo programa, em que o Grupo trabalhou afincadamente, preparando as decorações e organizando as festas.

O "61" tem uma pequena fanfarra, que nos dois dias de festa desfilou nas ruas de Armamar. A fanfarra é constituída – assim nos foi garantido – unicamente por jovens escoteiros e dirigida por um caminheiro. Nos dias de festa, houve sardinha assada à escoteiro, caldo verde à caminheiro e pimentos à lobito.

Como dissemos, a nossa visita não fora anunciada, mas, a pouco e pouco, foram-se juntando diversos rapazes e raparigas,

continua na pág. 8

OS 50 ANOS DO GRUPO Nº 94

UMA EXCURSÃO A COIMBRA

No dia 17 de Junho p.p., os rapazes do 94 foram em excursão até Coimbra, em que se fizeram acompanhar de antigos escoteiros, familiares e ainda uma boa deputação de escoteiros do novo Grupo 99, de Almada.

A viagem decorreu da melhor maneira e não foi o súbito aparecimento da chuva durante o pique-nique que se realizou nos arredores da bela cidade do Mondego que conseguiu destruir o bom ambiente reinante.

Com partida do bairro da Ajuda, em Lisboa, os forasteiros passaram pelo Terreiro do Paço, onde recolheram os seus camaradas da Outra Banda. A viagem prosseguiu conforme estava programada, através da lezíria ribatejana. Os escoteiros iam animando toda a gente com as suas can-



O Pastor Dr. Nelson Horta proferindo a homilia.

ções e passatempos, que despertavam o interesse de todos os presentes. Até que se deu a primeira paragem, junto ao grandioso Mosteiro da Batalha, que foi demoradamente visitado, em especial as Capelas Imperfeitas e a Sala do Capítulo, onde foi prestada homenagem ao Soldado Desconhecido.

Retomada a marcha, a paragem seguinte foi em Conímbriga, que igualmente mereceu o interesse de todos os viajantes, que, revelando o maior interesse, percorreram todo o recinto facultado ao público da importante estação arqueológica. As diversas dependências, os balneários, os locais de lazer que as escavações têm descoberto, foram detidamente observadas.

Retomada a marcha, os escoteiros tiveram ensejo de participar num concurso que tinha por objecto as históricas ruínas, em que era posto à prova o espírito de observação e os conhecimentos adquiridos durante a visita do monumento. Já anteriormente se realizara um concurso idêntico, mas tendo como assunto o vetusto Mosteiro da Batalha, em que se tinha dado relevo especial ao Museu ali existente, onde se vêem os troféus escotistas que ali se encontram, oferecidos pelos nossos companheiros do Grupo 93, de Sintra.

A chegada a Coimbra coincidiu com a hora própria para a refeição, de forma que os forasteiros se dirigiram para um parque previamente designado, para ali terem o almejado piquenique. Pena foi que a chuva tivesse vindo estorvar o desenrolar do pacífico repasto. Mas, no final, o essencial foi salvo: a boa disposição dos participantes não ficou empanada.



O Pastor Dr. Michael Knoch saúda o Grupo nº 94.

A parte da tarde foi reservada à visita da cidade dos estudantes. Os escoteiros e seus acompanhantes dirigiram-se às instalações da Universidade, que foram visitadas cuidadosamente. Depois foi a vez da Sé Velha e da Igreja de Santa Cruz. Foi grande o proveito recolhido destas visitas, graças ao E.C. Alberto Teixeira, que desempenhou, com inteiro agrado, o papel de cicerone, pois conhece a bela cidade como as suas próprias mãos.

Depois foi a viagem de regresso, sempre animada pelas intervenções dos escoteiros, as quais tiveram o condão de fazer parecer que o trajecto não era tão longo como seria de calcular.

O SERVIÇO RELIGIOSO

No domingo, 8 de Julho, realizaram-se as cerimónias mais importantes comemorativas do aniversário do Grupo. Tal como esse fabuloso domingo de há 50 anos, o deste ano foi um magnífico dia de sol, que fazia crer que a natureza se aliava ao júbilo dos rapazes do 94.

Na parte da manhã, como manifestação de acção de graças pela passagem deste aniversário, realizou-se na Igreja Evangélica Presbiteriana da Ajuda, na Calçada da Ajuda, exactamente no mesmo local onde o Grupo 94 nasceu, um serviço religioso, em que tomaram parte não só os actuais membros efectivos do 94, mas também antigos escoteiros deste Grupo, alguns do efectivo inicial, como o nosso companheiro Henrique Alves de Azevedo, o seu primeiro escoteiro-chefe e a quem se deve a iniciativa da sua criação, Eduardo Ribeiro, Albano Costa, Francisco Seita e Joel Ribeiro. Outros, de filiação posterior, como Capitolino Ferreira Macedo, José Duarte, Mariano Garcia Inácio, Armando Garcia Inácio e Fernando Silveira. Grande número de amigos dos escoteiros se encontravam presentes, como o nosso companheiro E.C. António Augusto da Silva e Cunha e um numeroso grupo do 99, de Almada.

O serviço religioso foi dirigido pelo pastor da Igreja, o Pastor Michael Knoch, que tinha a seu lado o pastor da Igreja Lusitana, Rev. Nelson Horta, que também passou pelas fileiras do Escotismo, pois foi membro do antigo Grupo 53, de Lisboa, actual 83.

A primeira intervenção de fundo pertenceu ao nosso companheiro Capitolino Ferreira Macedo, que fez o historial desta unidade escotista, recordando os momentos de maior relevo da vida do 94 e dalgumas das personalidades que lhe deram a sua colaboração.

Em determinada altura, foi lida a acta da sessão inaugural do Grupo, o que fez recordar aspectos curiosos desse acontecimento histórico e de certas figuras que nela tomaram parte, quase todas infelizmente já desaparecidas.

A parénese foi confiada ao Rev. Dr. Nelson Horta, que fez interessantes considerações sobre a figura do chamado Bom Samaritano, tão bem traçada na parábola de Jesus Cristo, e os escoteiros, ao mesmo tempo que se referia em pormenor a determinados aspectos do nosso movimento.

Durante esta cerimónia, a congregação entoou um hino da autoria do nosso saudoso colaborador e dedicado dirigente escotista Rev. Eduardo Moreira, facto que mereceu um comentário especial.



A mesa que presidiu à sessão solene comemorativa.

O Rev. Dr. Michael Knoch contou que, na cidade em que vivia, se conservou guardada uma bandeira escotista, furtada à sanha destruidora do nazismo, e que, após a queda desse abominável regime, foi recuperada como um valioso troféu.

No final deste serviço religioso, os escoteiros e antigos escoteiros presentes tomaram parte no acto solene de descerramento de uma lápide, onde se perpetua a efeméride da inauguração do 94 e os nomes do Rev. J. Rosa Baptista, primeiro presidente da sua Direcção e grande amigo de todos os escoteiros, cuja saudosa memória foi por diversas vezes invocada, e do E.C. Henrique Alves de Azevedo, primeiro escoteiro-chefe do Grupo, como já dissemos acima. Esta solenidade foi antecedida por algumas palavras, alusivas ao acto, proferidas pelo antigo escoteiro Mariano Garcia Inácio, actual presidente da Direcção do Grupo.

Foi um belo momento este que os actuais e antigos escoteiros do 94 viveram, cuja lembrança irá perdurar por longos anos na memória de todos quantos tiveram ensejo de nela tomar parte.

A SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA

Nesse mesmo domingo, à tarde, realizou-se a sessão solene comemorativa, no teatro do Belém Clube, que a Direcção desta colectividade pós generosamente à disposição do 94.

A reunião começou com algumas palavras proferidas pelo presidente da Direcção do Grupo, Mariano Garcia, que recordou que por esta unidade escotista já tinham passado diversas gerações de jovens, mais de 600 rapazes, ao longo deste meio século de actividade permanente. Em seguida, convidou para a mesa o presidente da Direcção Nacional dos Escoteiros de Portugal, E.C. José Rafael Baudouin, assim como os dirigentes que chefiaram o Grupo durante os seus 50 anos de vida, os E.C. Henrique Alves de Azevedo, fundador, Eduardo Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo e Armando Inácio, além de Rui Horácio Macedo, o actual escoteiro-chefe do Grupo. Para tomarem lugar no palco, foram chamados os escoteiros fundadores do Grupo que estavam presentes, Albano Duarte Costa, Francisco Seita e Joel Ribeiro, assim como o E.C. José Fernando Marinho, presidente da Direcção da Fraternal e também antigo escoteiro-chefe do Grupo, embora interinamente e durante curto período.

O E.C. Rui Macedo leu então a Ordem de Serviço relativa ao 50º aniversário do 94, após o que foi dada a palavra ao orador oficial da tarde, o nosso companheiro Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente do Conselho Nacional da Fraternal, o qual iniciou a sua oração endereçando saudações escotistas ao grupo em festa, afirmando que, num país como o nosso é verdadeira proeza praticar o Escotismo durante 50 anos. Referiu-se ainda àquele sentimento de emulação que existiu entre o 94 e o grupo que chefiou, o 2, ambos instalados na freguesia da Ajuda, dizendo que essa concorrência só tinha sido benéfica para as duas unidades, as quais mantêm hoje relações de boa vizinhança esclarecidos que foram os equívocos iniciais.

Entrando na explanação do tema que escolhera, "Juventude e Escotismo", Eugénio Ramos afirmou que as actividades dos escoteiros não devem ser sobrecarregadas com discursos, visto que o que interessa a jovens e a adultos, é ver realizado o ideal de vida que pensamos que é o melhor.

Referindo-se àquilo que é agora denominado como a crise da juventude, o orador procurou definir quais as causas que lhe estão na origem, colocando as seguintes questões: que querem os jovens? Porque protestam eles? Qual a motivação da revolta dos jovens?

Os jovens, prosseguiu nas suas considerações, querem viver a sua vida. À pergunta "se vale a pena viver", o orador respondeu, afirmando que sim, pois não há princípio, nem fim, há o infinito. Continuou, dizendo que os jovens protestam porque, no fundo, têm razão, querem ver um mundo melhor. E não há melhor filósofo que o jovem. Sobre a motivação, lembrou que essa aspiração é-lhes incutida pelo sentimento de que o mundo é uma sala de convivência, como aquela em que se encontravam.

Prosseguindo nas considerações, Eugénio Ramos lembrou que o Escotismo nas-

continua na pág. seguinte

OS 50 ANOS DO GRUPO Nº 94

continuação da pág. anterior

cera também de uma situação de crise.

A crise que actualmente afecta a sociedade tem características especiais: os processos que procuram dividir as pessoas, a loucura da corrida aos armamentos, o perigo da guerra nuclear. O nosso planeta corre o risco da destruição, mas não podemos perder a esperança. Por isso, há que lutar no sentido de a justiça ser defendida, bem como o sentido da solidariedade.

Sentimos que a justiça é defendida através do nosso procedimento como escoteiros, que nos leva a termos a convicção de que a paz é não só interior, mas também exterior. A partir deste pensamento, o orador traçou considerações sobre o ideal do nosso movimento, acabando por manifestar a sua convicção de que os princípios, o valor e o método escotistas continuam a ser inteiramente válidos. Mais adiante, declarou a sua certeza de que o Escotismo não pode servir a nada que seja a negação do Escotismo. E, antes de terminar, o orador referiu-se à estranha resolução, tomada durante o chamado Estado Novo, que proibiu o Escotismo nas nossas colónias, embora o tolerasse aqui no Continente.

Muito aplaudido no final do seu discurso, Eugénio Ramos voltaria a usar da palavra para sugerir que fosse levado a efeito um seminário para serem estudados muitos dos problemas que tinha acabado de referir.

O presidente da Fraternal, José Fernando Marinho, manifestou a sua comoção por estar presente nos 50 anos do seu 94, expressando um voto de muitas felicidades aos escoteiros que iniciaram a sua carreira escotista há 50 anos, ao mesmo tempo que dava a notícia de que a Fraternal tinha aprovado a entrega de um diploma de agradecimento ao 94, em que era reconhecida a acção deste grupo em prol do Escotismo.

Tomou então a palavra o E.C. José Rafael Baudouin, presidente da Direcção Nacional, por feliz coincidência filho do dedicado e saudoso escoteiro David Baudouin, que foi o segundo escoteiro-chefe do 94, o qual afirmou a sua satisfação por estar ali a celebrar o passado e a alegrar-se com a vida daqueles que tornaram possível o estar-se hoje a comemorar os 50 anos do 94. Dirigiu palavras de homenagem ao pioneirismo daqueles que ali se encontravam e lembrou que este grupo tem dado



Os E.C. Manuel Tacão e Armando Inácio foram homenageados pela sua dedicação, tendo o E.C. Capitolino Macedo entregue a ambos placas comemorativas.

ao nosso movimento grandes dirigentes, nomeando, por esse motivo, Azevedo, Eduardo Ribeiro, Capitolino Macedo, Armando, Rui e Tacão, aos quais é devido o agradecimento de, pela sua acção, terem permitido que os nossos filhos pudessem usufruir dos mananciais do muito que o Escotismo tem de bom.

Não foi esquecido o Belém Clube, a cuja Direcção foi agradecida a cedência do recinto com a oferta de um exemplar do livro da autoria de Armando Inácio "Fogo de Conselho", com cuja edição se iniciaram as comemorações das bodas de ouro. O mesmo livro foi oferecido a várias das entidades presentes, como seja os seus escoteiros-chefes, escoteiros fundadores e outras.

O antigo escoteiro Albano Costa fez então o oferecimento de uma bandeirola à patrulha Águia, por ser esta a que pertenceu seu filho, o escoteiro Gilberto Costa, já falecido. A bandeirola, foi confeccionada por sua mulher D. Maria de Jesus Costa, que prometeu ir preparar outra, destinada à patrulha Cão, a que seu marido pertenceu.

Pediu ainda a palavra o E.C. Eduardo Ribeiro para referir que considerava o 94 e o 93, de Sintra, grupos gémeos, visto que o grupo que se festejava nesse dia estivera para ser inaugurado em 24 de Junho de 1934. Só não o fora pelo motivo de essa data ter sido a escolhida pelo 93 para a sua inauguração. Isso deu azo a que fosse realizada uma grande excursão a Sintra, em que os aspirantes do 94 foram excepcionalmente autorizados a tomar parte uniformizados. Concluiu, dizendo que gostaria que o 94 estivesse naquele dia a comemorar 25 anos, em vez dos longos 50 anos que estavam a passar.

Seguiu-se uma parte recreativa, em que a banda e os escoteiros do 94 interpretaram várias canções e gritos escotistas, muito bem acompanhados pela assistência. Antes da passagem de diversos filmes, alguns com imagens da história do 94, dois artistas chilenos, Carlos Alaya e Daniel Lago, antigos escoteiros, deliciaram a assistência com a interpretação dalgumas canções do seu país.



Página do Escoteiro



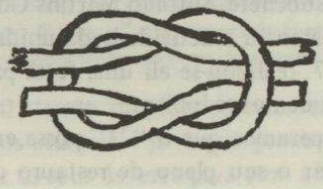
PIONEIRISMO

NÓS DE TERCEIRA CLASSE

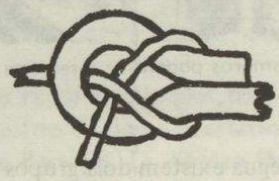
O escoteiro, após a sua promessa, é considerado *patatenra* até possuir a segunda classe. *Patatenra,* como o termo sugere, porque ainda não tem experiência da vida escoteira, das actividades de campo, do pioneirismo. Mas, para prestar a sua promessa, ele teve de prestar as provas de terceira classe e, portanto, através desse treino, desse *progresso,* começou exactamente a ganhar conhecimentos, a deixar de ser *patatenra.*

Entre as técnicas escoteiras destaca-se, como uma das mais úteis, o conhecimento da execução de nós e das suas aplicações. Vamos hoje aprender os NÓS DE TERCEIRA CLASSE, o primeiro passo no progreso da técnica de PIONEIRISMO.

NÓ DIREITO – Este é tão simples como útil. Serve para unir espias da mesma espessura e, também, quaisquer cordas, ligaduras, cabos, etc., sempre da mesma espessura. A sua execução é simples, mas é muito seguro. Observa as gravuras. Mas tem cuidado, não saia torto, porque esse não tem segurança.



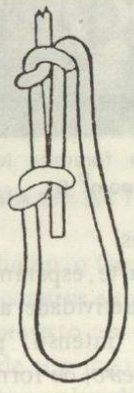
NÓ DE ESCOTA – Serve para ligar espias ou cabos de bitolas (espessuras ou grossuras) diferentes. Também é muito simples e basta observar a gravura 2.



NÓ DE PESCADOR (OU CABEÇA DE COTOVIA) – É também usado para ligar espias, cordas ou cordéis de espessuras diferentes, sobretudo muito finas. É o nó que os pescadores usam para as suas linhas. Serve também para ligar espias ou cabos molhados ou escorregadios. É um nó muito seguro, não corre e é fácil de desmanchar, características que recomendam um bom nó. É fácil de executar: cada *chicote* (ponta da espia) faz-se um laço na outra espia e, ao apertarem-se, ficam unidos e seguros. (Grav. 3).

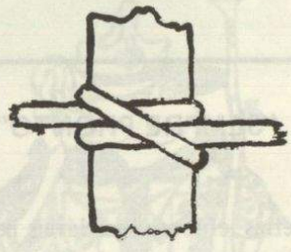


NÓ DE CORRER – É muito simples e útil. Executa-se num dos chicotes, de forma a que outro escorregue e aperte o objecto que se pretende agarrar: um tronco de árvore, uma pedra pesada, um parapeito, etc. Não pode ser usado para descer precipícios ou levantar feridos porque se teria de voltar ao ponto de partida e desmanchá-lo. (Grav. 4).



NÓ VOLTA-DE-FIEL (OU DE BARQUEIRO) – Serve para amarrar um cabo ou uma espia a uma argola, uma árvore, um mastro, uma viga, etc. É o nó que os barqueiros usam para amarrar os barcos aos pontões ou amuradas. Para os escoteiros, nos trabalhos de campo, é muito útil, até para armar a tenda.

É muito fácil de aplicar quando se enfia por cima, mas é preciso saber aplicá-lo, por exemplo, numa árvore. É simples. Basta observar a gravura 5.



Esta explicação destina-se, naturalmente, aos novos escoteiros. O escoteiro não faz a sua promessa sem ter prestado as provas de *terceira classe*. Voltaremos ao assunto com os nós de *segunda classe.*

EM ARMAMAR

O GRUPO Nº 61

continuação da pág. 3

membros do Grupo, que não escondiam o seu entusiasmo.

A sede do "61" estava demasiadamente atravancada com o presépio e as festas da vila. Mas o escoteiro-chefe prometeu que, após as festas, a sede iria tomar um aspecto mais escoteiro. Entusiasmo não



Pouco a pouco foram-se juntando diversos mambros do Grupo nº 61.

falta aos rapazes.

Por nossa parte, esperamos que o "61" aplique a sua actividade a um programa escoteiro mais intenso, promovendo o *progresso escoteiro*, de forma a que dentro em breve possamos ali ver muitos lobitos de 1ª e 2ª estrelas, e escoteiros de 2ª e 1ª classes, com muitas especialidades. O Grupo de Armamar tem entusiasmo para isso e os campos em volta são lugares magníficos para o *grande jogo* escoteiro.



"SEMPRE PRONTO"

As férias, embora agradáveis para aqueles que as gozam, perturbam naturalmente os serviços. A Gráfica da ACM não foge a essa dificuldade, pelo que este número de "Sempre Pronto" vai ser distribuído depois de 25 de Agosto. Do facto, pedimos muita desculpa.

O número do corrente mês sofrerá idêntico atraso.

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL NA RÉGUA



Estes escombros podem vir a ser uma boa sala da sede do Grupo nº 21, se os escoteiros forem apoiados.

Na Régua existem dois grupos de Escoteiros de Portugal, o nº 21, de Peso da Régua, e o nº 116, recentemente inaugurado no lugar de Loureiro. O Grupo nº 21 colaborou na organização do 116 e ambos trabalham em conjunto.

Chegámos à Régua ao findar do domingo, dia 10. Depois de instalados, fomos saber notícias dos escoteiros. Procurámos obter informações na residencial e parecia difícil localizar a sede. Alguém, que estava presente, aproximou-se da porta na intenção de nos apontar o caminho, mas, vendo um grupo de jovens que passava defronte, exclamou: "Vão ali dois escoteiros!". Chamou o grupo e, em vez de dois, eram três caminheiros. Como bons escoteiros, logo se prontificaram a conduzir-me à presença do escoteiro-chefe. Fiquei logo com a impressão de que o "21" se caracterizava pela boa camaradagem entre os seus membros.

Feito o encontro com o E. C. José Manuel, ficou combinado um encontro, no dia seguinte, para visita à sede. A sede é a grande dificuldade deste Grupo. Tivemos ocasião de verificar a situação. O 21 está instalado num velho edifício, anexo a serviços de Segurança Social. A casa encontra-se praticamente em ruínas. O Grupo pretende fazer-lhe obras de restauro mas aguarda que sejam estabelecidas as condições da cedência. A Régua é um centro comercial e industrial importante, a região dos vinhos do Douro, e a sua população ama as coisas da sua notável terra. O Grupo, logo que esteja esclarecida a situação, espera encontrar nas instituições da Régua o apoio necessário à restauração do seu edifício. Os Caminheiros do Grupo 21 estão prontos a meter mãos à obra.



O E.C. José Manuel na Secretaria do Grupo.

Entretanto, colaboram activamente com o Grupo 116, de Loureiro, cujo escoteiro subchefe António Martins Gonçalves nos garantiu a actividade da unidade. No dia 17, realizou-se ali uma festa para promessa de novos lobitos.

Esperamos que o "21" possa em breve realizar o seu plano de restauro da sede, permitindo assim efectuar também actividade escoteira.

***

EM GUIMARÃES

UM GRUPO DE ESCOTEIROS DE PORTUGAL MUITO ACTIVO

Às portas de Guimarães, em Caneiros, a meio caminho das Taipas, tem a sua sede o Grupo nº 25. Embora não fôssemos esperados naquele dia, 13 de Junho, não foi difícil reunir o E.C. do grupo, António Custódio, e o E.C. do Clã, José Manuel Oliveira Salgado.

Esta unidade foi fundada em 10 de Junho de 1973 e comemorou no domingo anterior o 11º aniversário.





A sede é pequena, mas está decorada com gosto.

COMEMORAÇÕES DO 11º ANIVERSÁRIO

Participaram nas festas comemorativas os Grupos nºs 44, de Gaia; 75, de Gondizalves (Braga) e o E.C. Arnaldo E. Couto, chefe nacional adjunto para a zona Norte.

No templo da Real Colegiada de N.S. da Oliveira, em Guimarães, celebrou missa o assistente religioso do Grupo, rev. Padre Jorge Pais dos Santos, que na homilia se referiu ao aniversário do "25" e ao Dia de Portugal, tendo dirigido palavras de estímulo aos escoteiros para que procurassem cumprir os seus deveres para com a Pátria.



A sede do Grupo nº 25, decorada com gosto, mas demasiadamente em cima da estrada.

Assistiram ao acto, os comandantes da G.N.R. e da P.S.P., o E.C. Fernando Felix, chefe do Núcleo do C.N.E., a Direcção do Grupo 25, muitos amigos e familiares dos escoteiros.

No final, os Escoteiros desfilaram até junto dos Paços dos Duques, tendo colocado uma palma de flores na estátua do Fundador de Portugal, D. Afonso Henriques, tendo o Conservador do Paço e o Escoteiro-chefe Nacional adjunto usado da palavra acerca do significado do Dia de Portugal.

Durante a tarde, houve uma festa de convívio com canções, monólogos, danças e episódios teatrais. Após a canção do Adeus, o E.C. Arnaldo Couto felicitou o grupo pela sua festa, depois do que, todos se retiraram para suas casas.

Pela manhã, o E.C. Couto visitou a Sede do grupo e manifestou a sua admiração pela óptima transformação que foi dada à sede, em relativamente pouco tempo.

A sede fica junto à estrada, sendo constituída por uma sala de reuniões e gabinete de secretaria. É bastante limitada para servir um grupo tão activo, mas tivemos ocasião de verificar o bom gosto pela decoração, tanto interior como exterior, e a boa arrumação da sua secretaria e biblioteca. Esta unidade bem merece que lhe sejam facultadas instalações mais amplas e mais bem situadas, já que a vizinhança da estrada tem os seus perigos.

O EFECTIVO DO GRUPO

O "25" tem uma Alcateia com 4 bandos de lobitos (dos dois sexos) com 30 membros. Tem uma Tribo de 5 patrulhas, com 32 escoteiros e escoteiras, e uma equipa de caminheiros e caminheiras, com 9 membros.

PROGRAMA DE ACTIVIDADES

Em 17 de Junho, o Grupo realizou um passeio com escoteiros e suas famílias. Em Julho, estava previsto um exercício de 15 km. Trata-se de um jogo assinalando os pontos geodésicos pela aplicação das técnicas de orientação, que se desenvolveu na Serra de Gonça e em que participarão unicamente os guias de patrulha, caminheiros e seus escoteiros-chefes.

Os dirigentes do Grupo 25 fazem planos para outra sede, com maior espaço e segurança. Vai ser preciso muito trabalho, mas aos rapazes de Caneiros não falta coragem para levar a iniciativa a bom termo.



EM BARCELOS

O GRUPO Nº 76 É UMA UNIDADE ACTIVA

Estivemos em Barcelos no sábado, dia de reunião do Grupo nº 76. Estivemos ali na tarde desse dia, tendo sido recebidos pelas sras. D. Maria Aida de Freitas Amaral Pires, presidente da direcção; D. Margarita Fernandez Cardoso Albuquerque, tesoureira; Carlos Nuno Pires, escoteiro-chefe; João Fernandez Cardoso Albuquerque, escoteiro subchefe; João Manuel da Silva Pinto, escoteiro-chefe de Tribo, tendo encontrado o Grupo em plena reunião de instrução.

A unidade foi fundada em 13 de Fevereiro de 1983. Entrevistando o escoteiro-chefe, este disse-nos; "O nosso grupo começou a funcionar, como deve ser, a partir de Janeiro. Houve uma mudança de chefia e isso abalou muito o grupo e nesta fase de actividade pareceu-nos que o melhor seria começar pela Tribo, que é a divisão pedagógica que mais possibilidades tem no futuro. Criámos uma patrulha; mais tarde, duas patrulhas, e é com elas



Os quatro escoteiros que receberam a 2ª classe.



Os rapazes do Grupo 76.

que estamos a trabalhar. A primeira etapa foi a formação. Formámos guias, formámos caminheiros para a chefia porque não tínhamos chefes e é preferível aproveitar a *prata da casa* do que ir buscar pessoas de fora, que são difíceis de conseguir. Temos hoje uma equipa de chefia formada, que está a começar a trabalhar. Reconheço que há dificuldades, porque somos novos e algumas pessoas não estavam ligadas ao Movimento. A formação fez-se e os frutos estão a evidenciar-se. Temos uma caminheira na Alcateia, com autorização da Chefia Nacional, que teve a simpatia de autorizar a sua participação nos Cursos Preliminares de Alcateia.

"Durante as férias vamos dar oportunidade aos escoteiros de aplicar aquilo que aprenderam. Em Outubro, vão estar aptos a receber outros aspirantes e a formar novas patrulhas. Vamos, então, dedicar uma semana ao Escotismo, vamos fazer um fogo de conselho público, que irá culminar uma semana de actividades. Já escrevemos à Direcção Nacional a solicitar para Barcelos a Exposição "O Escotismo é Movimento".

"Vamos fazer um dia, graças a uma ideia que nos deu o "Sempre Pronto", uma actividade como fizeram os Escoteiros do Canadá, e convidaremos os jovens de Barcelos a participar, sem qualquer obrigação, numa actividade escoteira de um dia. Faremos também publicidade nas montras durante essa semana. Estamos a pensar em fazer colóquios, para o que vamos pedir o auxílio dos Serviços Centrais".

O escoteiro-chefe Carlos Pires ainda nos falou mais largamente acerca dos seus projectos. Mas o que mais gostámos de ver foi a presença dos escoteiros e lobitos. Estes formaram num recinto anexo à sede e procederam ao içar da bandeira nacional. Na ocasião, tivemos o prazer de fazer entrega das insígnias de 2ª classe aos escoteiros Fernando Fernandez C. Albuquerque, José Manuel Ferreira, José Fernando Rodrigues Pacheco e Pedro Jorge Cravino, o que nos dá uma ideia do *progresso escotista* da Tribo.

Os escoteiros aplicaram-se depois em exercícios de pioneirismo, tendo-se exercitado na construção de uma ponte Himalaia.

Num canto do recinto, numa zona com muita vegetação brava, os lobitos montaram o seu "covil" e deram largas à sua imaginação, devidamente acompanhados pela Aquelá Isabel Oliveira.

O Grupo nº 76 é uma unidade que não tem muitos membros, mas os lobitos e escoteiros têm as idades próprias. No dia seguinte, quando vínhamos de viagem, pudemos ver na estrada uma patrulha que fazia uma excursão, a caminho de Esposende.

O Grupo está instalado no primeiro piso de uma residência, que lhe é generosamente cedido pela srª D. Margarita Albuquerque, que presta aos escoteiros um apoio simpático. A unidade teria ali boas instalações, mas a propriedade encontra-se para venda. Portanto, a cedência é precária. A senhora Presidente da Direcção confiou-nos a informação de que na segunda-feira iria fazer uma importante diligência para resolver o problema da sede. Oxalá a mesma tivesse êxito, porque os escoteiros de Barcelos bem merecem esse apoio.



A ponte himalaia resistiu ...



Os lobitos no seu covil.

* * *

ONDE ESTÁ O TEU CORAÇÃO?

continuação da pág. 1

Mãe-Pátria. Resta saber se se contaria com tantos voluntários cooperadores se essas missões tivessem como objectivo dar apoio moral às populações dos bairros de lata, aos desempregados e aos trabalhadores sem salário, que mais não fosse aos que existem aqui às portas de Lisboa.

Quererá isto dizer que os homens do Governo têm o coração colocado sobretudo nas deambulações pelo mundo? Não serei quem o dirá e muito menos que afirme que não o têm, com certeza, nos problemas da cultura, dos hospitais e das escolas, que faltam, dos museus fechados por carência de pessoal, dos testemunhos do nosso património histórico e monumental em risco de ruína, das estradas que se desconjuntam, da frota pesqueira, pequena e desajustada às necessidades modernas e de tantas outras coisas. Deixo o veredicto a cargo dos meus possíveis leitores.

Todavia, estou em crer que haveria grande interesse em que os governos fossem identificados e classificados, não mercê do posicionamento político que pretendem ocupar, mais à esquerda ou mais à direita, mas pela vocação demonstrada na ênfase que dão à sua acção nos diversos campos onde intervêm.

* * *

Também no que diz respeito ao Escotismo o nosso tesouro se pode encontrar em diferentes latitudes. Porque nos encontramos no Escotismo? É uma pergunta que poderemos colocar a nós próprios. Será porque queremos colaborar na obra educativa do nosso movimento? Por simples saudosismo das aventuras do nosso passado escoteiro? Ou apenas pela fútil vaidade de sobraçar um cargo directivo?

Ainda não há muito tempo escutei, alto e bom som, que grande parte dos escoteiros-chefes abandonaria o movimento caso fosse impedida de acampar na Caparica. Será em acampamentos que esses dirigentes têm o seu coração? Eis uma pergunta a que cada qual deverá responder no seu foro íntimo. A natureza da resposta fará compreender o êxito ou inêxito do exercício da acção desses dirigentes.

* * *

ANTIGOS ESCOTEIROS

A FRATERNAL DO NORTE COMEMOROU O DIA DE PORTUGAL

A Delegação do Norte da Fraternal comemorou o Dia de Portugal com um acampamento no Parque da Madalena, em Vila Nova de Gaia.

Do programa constou um concurso interpatrulhas, tendo sido distribuídos prémios, entre estes uma taça.

Além dos antigos escoteiros-chefes Paiva, Joaquim Saraiva, Guerreiro e outros, que estiveram presentes, o escoteiro-chefe nacional adjunto, Arnaldo Couto, por se ter deslocado a Guimarães às cerimónias promovidas pelo Grupo nº 25, fez-se representar pelo seu auxiliar E.C. Manuel Teixeira. – *C.*

DE MÊS PARA MÊS



A PATRULHA

O tema é velho nesta coluna, mas é tão importante que merece a pena repeti-lo.

O Sistema de Patrulhas não é uma forma de fazer Escotismo, mas a única maneira de o praticar. Não basta que a Tribo esteja dividida em patrulhas. É preciso que cada patrulha seja uma unidade muito activa, devidamente constituída, com um programa de trabalho a realizar.

A patrulha é uma família muito unida. A Tribo não é formada por escoteiros, mas por patrulhas. Não há tribos inactivas se as patrulhas funcionam, têm as suas reuniões isoladas, as suas saídas ao campo, serviço à comunidade, excursões, etc.

Se as patrulhas não têm actividade própria, então não há tribo, não há Escotismo.

EFEMÉRIDES

SETEMBRO

Dia 6 – **71º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal.**

Dia 29 – 12º aniversário do Grupo nº 30 – Figueira da Foz.

EM BRITEIROS

EXISTE UM GRUPO DE ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Briteiros é uma pequena povoação que fica a 5 km das Taipas (Guimarães), na estrada que liga estas termas a Póvoa de Lanhoso. É muito conhecida através da Citânia, ruínas de uma povoação romana. Pois existe aí um grupo de escoteiros, o nº 87. Está anexo ao Centro Recreativo e Cultural de Briteiros e tem as suas reuniões numa sala da Casa do Povo, onde espera vir a ter a sua Sede.

O Grupo foi filiado em 1983, mas ainda não ultrapassou a fase de organização. Tem reuniões aos domingos de manhã com aspirantes, que irão constituir 2 patrulhas (só rapazes), e 2 bandos mistos de aspirantes a lobitos com 3 Aquelás.

Não fomos a Briteiros, porque sendo a nossa visita a um dia de semana não encontraríamos ali qualquer membro do grupo, que estariam na escola ou no trabalho.

Mas pudemos ter uma entrevista com o escoteiro-chefe, o dr. Avelino Marques, no seu escritório de advocacia, nas Taipas. Este dirigente recebeu-nos com toda a simpatia e disse-nos que a sua unidade é constituída por rapazes que se empregam em trabalhos agrícolas e isso tem dificultado a sua organização definitiva. Recebe uma grande ajuda dos membros do Grupo nº 25, de Caneiros.

A direcção está assim constituída: Fernando da Costa Marques, presidente; dr. José Alberto Cardoso Marques, secretário; Marques da Silva, tesoureiro, que acumula com o cargo de subchefe, e o dr. Avelino Marques, escoteiro-chefe.

Esperamos que o "25" consiga terminar a sua organização e que em breve tenhamos notícia da promessa dos seus jovens membros e da realização de jogos escoteiros nos formosos campos da sua região.

O GRUPO Nº 12, DE SASSOEIROS, EM PROGRESSO

Após a sua reorganização, é com prazer que registamos que o Grupo nº 12 se encontra agora em plena actividade, tendo realizado um acampamento de 29 de Junho a 1 de Julho, no Linhó.

O Grupo conta presentemente 4 patrulhas de escoteiros e 2 bandos de lobitos, tendo sido encerradas as inscrições para novos membros, dado o quadro reduzido de dirigentes. – *C.*



EM ALTER DO CHÃO

O 1º ANIVERSÁRIO DO GRUPO Nº 98

Tendo passado em 25 de Junho o primeiro aniversário do Grupo nº 98, de Alter do Chão, realizou-se nesse mesmo dia uma reunião de convívio para assinalar a data.

Esta unidade tem presentemente 50 escoteiros, mais 3 aspirantes, e 6 lobitos. A Alcateia está entregue aos cuidados da escoteira Ana Paula Pereira.



NOVOS CORRESPONDENTES

Temos o prazer de registar novos correspondentes de "Sempre Pronto", que gentilmente nos prometem e oferecem colaboração:

GRUPO Nº 12 – SASSOEIROS
(Carcavelos)
Escoteiro guia Paulo Miguel Fonseca Dias

GRUPO Nº 81–VILA FRANCA DE XIRA
Escoteira Sónia Maria Teixeira da Silva

Damos as boas-vindas a estes simpáticos colaboradores.